

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CURSO DE ARTES VISUAIS - FAALC**

**ELIÚDE DE OLIVEIRA DUTRA**

**ESCULTURA EM ESPAÇOS PÚBLICOS: UMA PROPOSTA  
PARA A CIDADE DE CAMPO GRANDE - MS**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**CAMPO GRANDE**

**2020**

**ELIÚDE DE OLIVEIRA DUTRA**

**ESCULTURA EM ESPAÇOS PÚBLICOS: UMA PROPOSTA  
PARA A CIDADE DE CAMPO GRANDE - MS**

Trabalho de Conclusão de Curso em Artes Visuais/UFMS apresentada à Banca Examinadora como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais, orientado pelo Prof. Dr. Joaquim Sérgio Borgato.

**CAMPO GRANDE**

**2020**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL**  
**CURSO DE ARTES VISUAIS - FAALC**

**ELIÚDE DE OLIVEIRA DUTRA**

Trabalho de Conclusão de Curso em  
Artes Visuais/UFMS apresentada à  
Banca Examinadora como parte dos  
requisitos para obtenção do título de  
Bacharel em Artes Visuais.

**Professor Joaquim Sérgio Borgato, Dr.**  
Presidente da banca- Orientador

**Professora Venise Paschoal de Melo, Dra**  
Membro

**Professor Elomar Bakonyi, Esp.**  
Membro

**CAMPO GRANDE**

**2020**

## AGRADECIMENTOS

Certamente estes parágrafos não irão atender a todas as pessoas que fizeram parte dessa importante fase de minha vida. Portanto, desde já peço desculpas àquelas que não estão presentes entre essas palavras, mas elas podem estar certas que fazem parte do meu pensamento e da minha gratidão.

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado forças e me guiado até aqui.

À instituição Universidade Federal de Mato Grosso do Sul que me proporcionou a oportunidade de realizar esse curso.

Ao meu orientador Prof. Dr. Joaquim Sérgio Borgato, pelo seu apoio incondicional, sabedoria com que me guiou nesta trajetória e compreensão das minhas dúvidas; pela paciência e objetividade em juntar as peças desconexas desse quebra-cabeça do meu trabalho; pois, sem ele seria impossível a realização do mesmo.

Aos meus professores Dr. Isaac Camargo, Dra. Venise Paschoal de Melo, Elomar Bakonyi e Izabel Azevedo, pela atenção e acréscimo de conhecimento; pela orientação e apoio inestimáveis.

Ao técnico Rafael, da TI, por seu pronto atendimento, quando eu necessitava de ajuda.

Em especial, a minha tia Leo, pelo amor incondicional, parceria e pela dedicação, como uma segunda mãe, em me dar suporte para a realização desse trabalho.

Ao meu avô Sebastião (in memoriam), que acreditou na minha capacidade e me deu suporte psicológico e também sua bênção.

A minha avó Berenice, por ter me criado e pelas orações, imprescindíveis na minha vida.

A minha mãe, por sua paciência e apoio fundamentais.

A minha irmã Edlaine, por sua ajuda na parte tecnológica e seu prestimoso apoio.

Às primas Máisa e Beatriz, pelos momentos de descontração e companheirismo.

Aos meus tios pela consideração.

À amiga Aline Villas Bôas, pelo incentivo a continuar o curso e seus conselhos valorosos.

Aos colegas: Glauber, por sua generosidade e companheirismo; e Kalebe, sempre muito preocupado comigo, enviando mensagens positivas.

**As pessoas mais solitárias são as mais amáveis.  
As mais tristes têm o sorriso mais bonito.  
As mais sofridas são as mais sábias.  
Tudo porque elas não desejam que outras pessoas sofram  
o tanto que elas sofreram.  
(autor desconhecido)**

## **RESUMO**

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Artes Visuais pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, tem por objetivo escultura inserida nos espaços públicos ou área aberta, refletir o estado da alma/psiquê do artista visual quando em estado de depressão no ato de sua criação. A forma de expressar, artisticamente escolhida, é a escultura, neste caso específico, para a cidade de Campo Grande/MS. Como a depressão é um estado psíquico de vazio e desconexão com o mundo real, procurei em pesquisas de artistas/escultores pelo mundo que trabalham em espaços públicos com a noção de “vazio”. Como resultado, desenvolvi uma proposta de escultura para o Parque das Nações Indígenas, próxima ao lago principal, onde uma representação escultórica humana caminha sobre uma prancha muito estreita, remetendo ao equilibrista, aquele ser humano que está sempre no limite e concentrado para não cair. Para tanto, utilizo minha própria experiência de vida, como alguém que convive com a depressão para expor esse tema tão incomodo e necessário para a reflexão em sociedade por meio da arte.

**Palavras-chave:** Escultura. Espaço público. Contemporâneo. Arte. Depressão

## **ABSTRACT**

This Course Conclusion Work (TCC) in Visual Arts by the Federal University of Mato Grosso do Sul, aims at sculpture inserted in public spaces or open area, reflecting the state of the soul / psyche of the visual artist when in a state of depression in the act of your creation. The artistically chosen way of expressing is sculpture, in this specific case, for the city of Campo Grande / MS. As depression is a psychic state of emptiness and disconnection from the real world, I looked for research by artists / sculptors around the world who work in public spaces with the notion of “emptiness”. As a result, I developed a sculpture proposal for the Parque das Nações Indígenas, close to the main lake, where a human sculptural representation walks on a very narrow board, referring to the tightrope walker, that human being who is always on the edge and concentrated not to fall. To this end, I use my own life experience, as someone who lives with depression to expose this subject so uncomfortable and necessary for reflection in society through art.

**Keywords:** Sculpture. Public place. Contemporary. Art. Depression

## LISTA DE ILUSTRAÇÃO

<b>Figura 1</b> – Imagem panorâmica de Campo Grande com fluxogramas textuais	<b>16</b>
<b>Figura 2</b> - Imagem da Basílica de Brasília	<b>18</b>
<b>Figura 3</b> - Imagem Museu Guggenheim em Bilbao na Espanha	<b>17</b>
<b>Figura 4</b> - Imagem do Aquário	<b>18</b>
<b>Figura 5</b> - Imagem da vista frontal Aquário - projeto arquiteto Rui Otake	<b>18</b>
<b>Figura 6</b> - Imagem do Museu de Arte Contemporânea (MARCO)	<b>19</b>
<b>Figura 7</b> - Imagem interna do Museu das Culturas Dom Bosco	<b>19</b>
<b>Figura 8</b> - Imagem panorâmica do Parque das Nações Indígenas, Campo Grande/MS.	<b>20</b>
<b>Figura 9</b> - Imagem escultura Cavaleiro Guaicuru, no interior do lago do parque, escultor sul-mato-grossense Anor Mendes	<b>20</b>
<b>Figura 10</b> - Imagem Monumento aos povos indígenas, localizado dentro parque	<b>20</b>
<b>Figura 11</b> - Imagem Memorial Museum no World Trade Center	<b>22</b>
<b>Figura 12</b> - Imagem arte pública “Descension” do artista plástico Anish Kapoor no Brooklyn Bridge Park, Pier, na América do Norte	<b>23</b>
<b>Figura 13</b> - Imagem “Descension” materializa uma aspiração de longa data do artista, criando um espaço negativo. Kochi-Muziris Biennale (2014-15)	<b>24</b>
<b>Figura 14</b> – Imagem Labirinto de vidro - instalação. Land Art	<b>25</b>
<b>Figura 15</b> – Imagem “The Palm Fountain”, Dubai (Emirados Arabes Unidos)	<b>25</b>
<b>Figura 16</b> - Imagem: Ava Hirschsohn - Salmon Sculpture, Portland, Oregon, Estados Unidos da América	<b>27</b>
<b>Figura 17</b> - Equilibrista atravessando na corda bamba	<b>27</b>
<b>Figura 18</b> - Imagem: <a href="http://dailyphotostream.blogspot.com">dailyphotostream.blogspot.com</a> - The Knotted Gun, Turtle Bay, New York, Estados Unidos da América	<b>27</b>

## Sumário

INTRODUÇÃO .....	11
1 ESPAÇOS URBANOS NA CONTEMPORANEIDADE.....	15
2. LINGUAGEM ARTÍSTICA ESCULTÓRICA CONTEMPORÂNEA .....	25
Figura 15: Digital musical water fountain with 3D laser performance .....	31
3.PROPOSTA ARTÍSTICA DE ESCULTURA PARA O PARQUE DAS NAÇÕES INDÍGENAS.....	32
3.1 O artista e suas dores emocionais.....	34
3.2 Quadro da depressão no Brasil .....	36
4. PROPOSTA DE PROJETO PARA A CRIAÇÃO DE UMA ESCULTURA EM ESPAÇO PÚBLICO NO PARQUE DAS NAÇÕES INDÍGENAS EM CAMPO GRANDE/MS.....	38
CONCLUSÃO .....	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	46

## INTRODUÇÃO

Campo Grande - MS é uma cidade que carece de uma produção artística sistemática. As obras escultóricas existentes em espaços públicos, geralmente são monumentos históricos e de representações de animais iconográficos da região centro-oeste de forma figurativa.

A valorização da identidade de Campo Grande – MS, passa pela comunicação da mesma à população por intermédio de seus patrimônios públicos e privados, culturais ou não; também pelo estabelecimento claro desses limites, com controle rígido e corajoso sobre a paisagem urbana. Por meio da arte, artistas locais ou não, podem contribuir junto aos órgãos públicos municipais para desenvolver projetos que estimulem o local.

O recorte teórico-prático parte do princípio do conceito da arte contemporânea no campo da escultura, sendo esta praticada na atualidade mais recente, que situa temporalmente a partir da segunda guerra mundial até os dias atuais, com uso dos mais variados elementos artísticos, materiais, poéticos e estéticos.

A escolha da forma negativa (espaço que não é preenchido ou ocupado) como elemento poético e artístico é uma proposta que subverte a escultura tradicional denominada de positiva (ocupado por um espaço preenchido). A preferência do espaço público tem como um dos objetivos levar a sociedade a refletir sobre aquilo que muitos pesquisadores da área da saúde mental têm denominado como o grande mal do século XXI.

As estatísticas alertam: vivemos uma epidemia de depressão. Dados mais recentes da Organização Mundial de Saúde (OMS) e da Organização Panamericana de Saúde (Opas) apontam a depressão grave como a maior causa de incapacitação no mundo, bem como a possibilidade de, nos próximos vinte anos, ser a segunda principal causa da carga global de doenças (OMS/Opas, 2001). (FRANCO, COSTA e LEÃO, 2014, s/n)

O fato de a obra sair do espaço da galeria e do museu é uma oportunidade de mais pessoas terem acesso à arte. O que se destaca nessa obra é sua forte conexão com a arquitetura e suas convenções transformadas na percepção espacial do vazio. A assertiva de Friedrich Nietzsche (s/a, 89) na quarta parte da obra Para Além do Bem e do Mal,

aforismo 146: “Quem deve enfrentar monstros deve permanecer atento para não se tornar também um monstro. Se olhares demasiado tempo dentro de um abismo, o abismo acabará por olhar dentro de ti.”

Isso me impulsionou a pensar em criar uma proposta de uma escultura esculpida de forma negativa, escavada com um corte profundo da superfície como um buraco no espaço aberto. Olhar para o buraco traz um sentimento de angústia, sua profundidade cede espaço à crítica e à autoexpressão. Compreendendo o processo de construção de identidade artística individual, a obra proposta é pensada no escopo do meu torso, representando a figura do feminino.

Partindo do pressuposto de que o volume é o elemento básico na composição tridimensional, o presente estudo tem por objetivo evidenciar a expressão artística que melhor se identifica com o volume: a escultura a qual, percebemos o seu volume não só pela visão como também pelo tato, segundo Magrin:

A escultura encontra-se no espaço real, dispõe de três dimensões: altura, largura e profundidade. Apresenta um conjunto de superfícies que podem ser planas, curvas, truncadas, onduladas, polidas e ásperas. (MAGRIN, 2003, p.54)

Como vimos, tem textura tátil e é uma manifestação formal tridimensional construída sobre um espaço. Na forma orgânica, abstrata e figurativa, não é somente estática a escultura pode transmitir mobilidade e movimento.

A pesquisa pretende em nível geral, conhecer, aprofundar, estudar, desenvolver, explorar, abordar e evidenciar as esculturas enquanto expressão artística, reconhecendo-as como expressão e comunicação do pensamento humano; esclarecendo o universo escultórico, incentivar a pesquisa contemporânea em artes visuais, valorizar e promover a arte com a intenção de torná-la acessível ao público e apresentar novas estratégias artísticas em artes visuais, mais especificamente para a cidade de Campo Grande/MS.

Para executar o projeto escultórico, tomei como partido a imagem do conceito de escavar, e do fazer, cuja expectativa é criar algo diferente. Tal recolocação da questão tem em vista superar os preconceitos adquiridos pela tradição da escultura. Isso partiu do tema a ser representado, depressão/melancolia, do sentimento de vazio existencial da minha própria experiência e de muita gente que vive esse momento histórico denominado por Bauman (2013), de tempos líquidos, onde nada é sólido, ou seja, o ser humano em sua condição perdida no espaço-tempo sem ter onde se agarrar. Tudo isso

gera muita angústia, solidão, estresse, capaz de levar o ser humano à uma condição patológica, como no meu caso. É a forma artística que estou encontrando para expressar-me e encontrar eco na sociedade. Partilhar esse drama artisticamente me dá ânimo para seguir em frente com força e determinação.

A temática da minha obra leva em consideração a luta contra a depressão, desmistificação do medo de cair, pretensão de resgatar a impressão da realidade e a possibilidade de realizar os sonhos; além de explicar e descrever os sentimentos inenarráveis, os quais são um processo de cura e assim tornar o espaço público mais agradável, bonito e divertido.

Todavia, durante a execução desse projeto, algo muito terrível aconteceu em minha vida: no mês de agosto de 2017 sofri um choque imenso, pois internei meu pai-avô no hospital Santa Casa devido a uma hemorragia, ele vomitava muito sangue, além de sofrer dores imensas e grande agonia. Acreditava na sua recuperação, mas infelizmente a hemorragia não cessou, resultando em sua intubação; em consequência, seus rins pararam; fazia hemodiálise sedado. Como seu coração estava fraco, houve a necessidade de fazer traqueostomia, indo parar na UTI. Nisso, meu mundo desabou. Meu avô, que era mais meu pai (sou órfã desde 8 anos de idade), com o qual eu convivía diariamente todos os momentos, estava em uma situação deplorável. Vivenciei esse processo doloroso, porque ficava com ele no hospital. Infelizmente ele não suportou e faleceu em outubro do mesmo ano. Na outra semana, perdi meu tio materno, ele era o mais engraçado e querido dentre os outros.

Fiquei fragilizada sobremaneira, culminando em ataques de pânico e crises de fobia social. Foi uma experiência muito difícil de superar ao ponto de recorrer à terapia. Nos respectivos funerais, eu tive pânico, devido à aglomeração. Procurei tratamento com psicólogo e psiquiatra para tratar desses transtornos, por isso pedi regime domiciliar (não consegui), porque também tenho uma avó doente. A dor da perda acarretou numa depressão profunda a ponto de não poder terminar o semestre, não conseguia pensar objetivamente. Continuei o tratamento com o psiquiatra e retornei em 2018, num esforço sobrecomum para recuperar as disciplinas reprovadas. Sou uma pessoa introspectiva e depressiva, porém estou em tratamento para vencer isso.

O ano de 2019 também foi um ano difícil, descobri um nódulo no seio, fiz biopsia e tratamento contínuo; também minha vó ficou internada, com vários problemas

graves de saúde, estendendo ao ano seguinte, resultando em eu não concluir o projeto do TCC. Para completar e detonar meus projetos e deveres, veio a pandemia do Covid-19, que com o isolamento, o atendimento médico ficou prejudicado, impossibilitando-me de continuar o tratamento de saúde, isso aumentou minha ansiedade e fiquei com mais medo de sair, aumentando a angústia e a autocobrança, não tendo espaço para pensamento positivo. Apresentei vários sintomas do novo coronavírus, mas meu teste para o covid-19 deu negativo - eram devidos à bronquite que tenho, além de tudo.

Esse relato pessoal mostra que todos têm momentos ruins, mas nada é eterno. Minha dor não é maior do que a dor de muitos, pois cada um vivencia de forma diferente. Apesar de perder a única pessoa que me amava incondicionalmente (eu sinto) e estar apreensiva sobre o estado de saúde da minha vó, penso que é preciso seguir em frente. O importante é o processo da cura, da superação.

Supondo-se que a verdade seja feminina — e não é fundada a suspeita de que todos os filósofos, enquanto dogmáticos, entendem pouco de mulheres? Que a espantosa seriedade, a indiscrição delicada com que até agora estavam acostumados a afrontar a verdade não eram meios pouco adequados para cativar uma mulher? O que há de certo é que essa não se deixou cativar — e os dogmáticos de toda a espécie voltaram-se tristemente frente a nós e desencorajaram-se. Se de resto pode-se dizer que ainda estejam em pé! Aqui estão os troçadores que pretendem ter a dogmática caído irremissivelmente e até que esteja agonizante. (NIETZSCHE, 2001, p.7)

A obra de arte escultórica, que faz parte desse projeto de conclusão de curso em Artes Visuais bacharelado, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, parte daquilo que é muito valioso para um artista, expressar sua alma, seus sentimentos de forma que encontre ressonância no público. Nesse caso específico, pretendo representar por meio da escultura uma visão otimista de quem vive a angústia da trágica melancolia. Há um desejo em superar as dificuldades patológicas. O medo é vencido a cada dia como o malabarista circense que em cada apresentação tem que vencer a si próprio para conquistar os aplausos da plateia, a qual faz parte dessa encenação, sente medo e torce para que o equilibrista conquiste o seu objetivo.

## 1 ESPAÇOS URBANOS NA CONTEMPORANEIDADE

A escultura, uma das mais antigas manifestações artísticas desenvolvidas pelo homem, acompanha o desenvolvimento do processo histórico das artes e encontra no espaço público um território para o artista se expressar.

O espaço público na contemporaneidade é ocupado por várias manifestações artísticas e a escultura continua marcando seu território e se desenvolvendo de acordo com as técnicas e tecnologias hoje disponíveis.

O século XXI começou marcado pelo grande desenvolvimento na área das novas tecnologias de informação e comunicação (TDIC), e tem proporcionado maior interação entre os humanos, basta alguns cliques num computador, *smartphone*, tablets, notebooks interligados pela Internet e em segundos obtemos informações numa rapidez jamais experienciada pela raça humana como bem observa a pesquisadora Santaella.

Os dispositivos tecnológicos para a interação ser humano-máquina são incorporados à vida humana como uma segunda natureza. A história, a economia, a política, a cultura, a percepção, a memória, a identidade e a experiência estão todas elas hoje mediadas pelas tecnologias digitais. Estas penetram em nosso presente não só como um modo de participação, mas como um princípio operativo assimilado à produção humana em todas as suas áreas. (SANTAELLA, 2010, p. 33)

Hoje, uma das grandes discussões mundiais, no que se refere a projetos urbanos, o tema das cidades inteligentes torna-se importante para planejar o presente e o futuro da humanidade.

Segundo a união Européia, *Smart Cities* são sistemas de pessoas interagindo e usando energia, materiais, serviços e financiamento para catalisar o desenvolvimento econômico e a melhoria da qualidade de vida. Esses fluxos de interação são considerados inteligentes por fazer uso estratégico de infraestrutura e serviços e de informação e comunicação com planejamento e gestão urbana para dar resposta às necessidades sociais e econômicas da sociedade. (FGV, 2017)

A arte não fica fora desse pensar as cidades inteligentes, como podemos observar em alguns pontos do planeta, tais como, Nova York nos Estados Unidos, Amsterdã na Holanda, Tóquio no Japão, São Francisco nos Estados Unidos, Viena na Áustria, Copenhagen na Dinamarca, Curitiba no Brasil, dentre outras.

A tecnologia é empregada em todos os tempos para a produção artística, e a nossa atual realidade nos permite avançarmos em pensar projetos que interfiram na paisagem urbana, isso desde Leonardo da Vinci, no período do Renascimento, com um misto de artista/engenheiro. Pensar nossas cidades hoje é pensar em qualidade de vida e a arte tem a capacidade de tocar a alma humana, o sensível, o perceptível. Por conseguinte, temos a imagem abaixo de uma visão panorâmica da cidade de Campo Grande com fluxogramas textuais, seguindo essa linha de pensamento.

Figura 1 – Imagem panorâmica de Campo Grande/MS



Fonte: Google imagens<sup>1</sup>

Grandes prédios hoje são verdadeiras esculturas, no Brasil nós temos o caso do arquiteto Oscar Niemayer, vejamos a Basílica de Brasília, por exemplo: sua construção consiste num buraco no subsolo - afunda e ergue; pode-se dizer que é uma obra contextual porque narra as profundezas da terra ao céu, a parte de baixo, a catatumba, escuridão; e a parte superior, a cúpula, claridade; logo, percebe-se isso adentrando na catedral através de um túnel escuro e emergindo em um espaço brilhante com um telhado de vidro.

<sup>1</sup> Disponível em: [campo-grande.jpg \(640x393\) \(zerouinforma.com.br\)](http://campo-grande.jpg (640x393) (zerouinforma.com.br)), Acessado em: 22/11/2020

Um projeto que permite uma experiência espaço-ambiental ao olhar pra cima e ver a luz, uma obra em que a estrutura parece ascender aos céus, sendo formalmente simples compacta e fazendo dos pilares estruturantes os protagonistas.

Segue a imagem da Basílica de Brasília:

Figura 2: Catedral de Brasília – Projeto de Oscar Niemeyer



Fonte: [Google Imagens](#)<sup>2</sup>

Outro exemplo, o Museu Guggenheim em Bilbao na Espanha, projetado pelo arquiteto canadense naturalizado estadunidense, Frank Gehry. Desenvolvido com alta tecnologia, fusão de complexas formas curvilíneas- uma materialidade cativante, novos materiais de revestimento. Num contexto urbano-industrial, a transformação que impulsionou a economia de uma cidade foi o planejamento e construção de algo moderno que renovasse a zona portuária degradada de Bilbao. O edifício faz alusão às paisagens; a passagem estreita e o hall de entrada recordam um desfiladeiro, ou os caminhos e elementos de água, em resposta ao rio Nervión. Junto ao espaço do museu, uma grande escultura em forma de aranha da artista visual Louise Bourgeois.

---

<sup>2</sup> Disponível em: [maxresdefault.jpg \(1280x720\) \(yting.com\)](#); Acessado em:22/11/2020

Figura 3: Museu Guggenheim em Bilbao/Espanha com escultura de Louise Bourgeois



Fonte: Google Imagens<sup>3</sup>

Essas obras arquitetônicas escultóricas acabam tornando-se pontos de referências e identidade das próprias cidades.

A cidade de Campo Grande/MS carece dessas intervenções artísticas para que se tornem referências de uma cidade moderna, adaptada e às novas tecnologias. Campo Grande é uma das capitais brasileiras como maior área verde urbana e grandes parques.

O Parque das Nações indígenas localizado num dos pontos mais importantes da cidade pode ser palco de minha proposta escultórica, uma arte que não é um item decorativo, mas tem um contexto. Não é uma arte conceitual, é arte contextual. O assunto que é o conceito, esta inserido numa situação que é o contexto.

Segundo Augusto Cury “quando as pessoas estão sofrendo e precisam mais de si mesmas, elas não se interiorizam, se abandonam, elas não se interiorizam, se abandonam... quando o mundo nos abandona, a solidão é superável, mas, quando nós mesmos nos abandonamos, a solidão é quase insuportável.” (CURY, 2004, p.51).

A arte Conceitual valoriza mais a ideia por trás da obra do que o produto acabado, sendo que, às vezes, este nem mesmo precisa existir; como apreensão ou representação intelectual e abstrata da essência de um objeto. Na arte Contextual observam-se movimentos ético-sociais, centrados no contexto do lugar, que se materializam e perpetuam nos registros do processo temporal da ação.

---

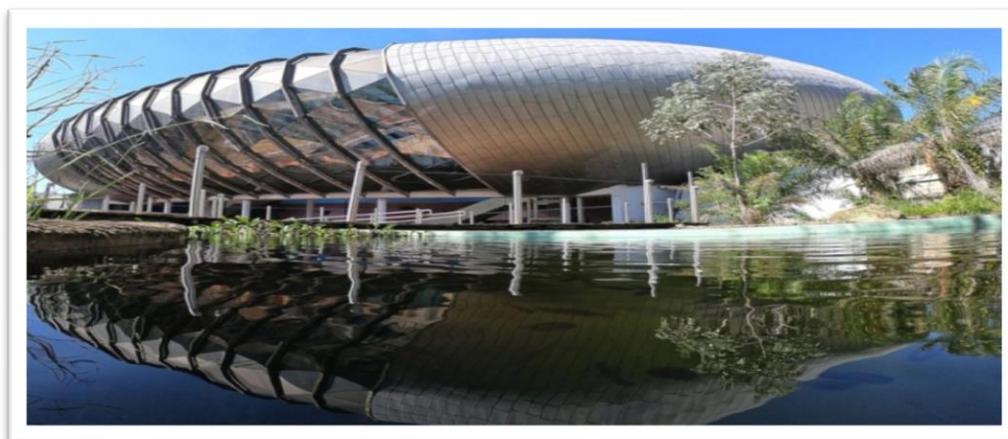
<sup>3</sup> Disponível em: [Museu-Guggenheim-Bilbao-Aranha-Madá.jpg \(600x337\) \(vivadecora.com.br\)](#): Acessado em: 20/11/2020

Num breve esclarecimento, estamos vivenciando num contexto-histórico de isolamento social por causa da doença por coronavírus (COVID-19) é uma doença infecciosa causada por um coronavírus recém-descoberto. A maioria das pessoas infectadas com o vírus COVID-19 apresentam doença respiratória leve a moderada e se recuperam sem a necessidade de tratamento especial. Idosos e aqueles com problemas médicos subjacentes, como doenças cardiovasculares, diabetes, doenças respiratórias crônicas e câncer, têm maior probabilidade de desenvolver doenças graves.

O vírus COVID-19 se espalha principalmente por meio de gotículas de saliva ou secreção nasal quando uma pessoa infectada tosse ou espirra; portanto, é importante a prática da etiqueta respiratória (por exemplo, tossir com o cotovelo flexionado), ficar seguro tomando alguns cuidados simples, como distanciamento físico, usar uma máscara, manter os quartos bem ventilados, evitar multidões, limpar as mãos lavando-as ou esfregando-as com frequência em álcool, sem tocar no rosto e tossir com um cotovelo ou lenço de papel dobrado. Este trabalho foi realizado sob essas condições. O texto a seguir, parte de uma idealização para ser realizada futuramente, por causa da pandemia, no Parque das Nações Indígenas.

No Parque das Nações indígenas, temos o Museu de Arte Contemporânea (MARCO) e o Museu Das Culturas Indígenas; além de estar sendo finalizando a construção de um aquário, projetado pelo arquiteto Rui Otake, com uma arquitetura moderna, arrojada e com tecnologias próprias para o século XXI, com grande impacto visual da arte contemporânea.

Figura 4: Aquário projetado por Rui Otake em Campo Grande/MS



Fonte: Google Imagens<sup>4</sup>

Figura 5: Vista frontal do Aquário.



Fonte:– Google Imagens<sup>5</sup>

Museu de Arte contemporânea (MARCO), localizado no Parque das Nações Indígenas, Campo Grande/MS foi projetado pelo arquiteto Emmanuel de Oliveira. A sede definitiva começou a ser construída em 1993 e foi concluída em julho de 2002, com recursos da Lei de Incentivo à Cultura. Desde então, as artes sul-mato-grossenses tomaram um novo impulso, dada a possibilidade de um diálogo maior com as artes de outras regiões e a oportunidade de divulgação da produção artística local, respeitando e valorizando a diversidade de linguagens e temas abordados. O museu possui uma área construída de 4000 m<sup>2</sup>, e dispõe de cinco salas de exposição, sendo uma com mostra permanente de obras de seu acervo e quatro salas para as mostras temporárias que compõem sua programação anual.

Segundo o site do MARCO, seu acervo tem origem na Pinacoteca Estadual, com os prêmios aquisitivos dos salões de arte realizados a partir de 1979 e, mais tarde, através de doações espontâneas de artistas, colecionadores e instituições culturais. Atualmente compõe-se de aproximadamente 1600 obras em diversas modalidades

---

<sup>4</sup> Disponível em: [a71f147e5cd9508fd76db57a3168729d.jpg](http://a71f147e5cd9508fd76db57a3168729d.jpg) (660x430) ([capitalnews.com.br](http://capitalnews.com.br)). Acessado em: 22/11/2020

<sup>5</sup> Disponível em: [https://acritica.net/upload/ckfinder/userfiles/images/foto\\_02\(16\).jpg](https://acritica.net/upload/ckfinder/userfiles/images/foto_02(16).jpg). Acessado em: 22/11/2020

artísticas, incluindo um conjunto significativo de obras que registram o percurso das artes plásticas em Mato Grosso do Sul, do princípio aos dias atuais. (figura 6)

Figura 6: Museu de Arte Contemporânea (MARCO) Campo Grande/MS



Fonte: Google Imagens<sup>6</sup>

No mesmo Parque das Nações indígenas encontra-se o Museu das Culturas Dom Bosco, administrado pela Missão Salesiana do Brasil. É conhecido mundialmente pelo rigor científico de seu considerável acervo, abriga hoje uma coleção das mais significativas, elaboradas pelo taxidermista Giovani Magnin, durante as suas viagens feitas ao pantanal e demais regiões. Possui 40.000 peças divididas entre diferentes áreas como mineralogia, paleontologia, etnografia, arqueologia e zoologia e mais de 5.000 peças indígenas de várias culturas como Xavantes, Bororos e outros, além de centenas de aves e mamíferos do Pantanal embalsamados, milhares de conchas e borboletas de vários continentes, e uma enorme coleção de minerais e insetos, segundo o site do museu.

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://media-cdn.tripadvisor.com/media/photo-s/13/8d/e4/4d/museu-de-arte-contemporanea.jpg>. Acessado em: 20/11/2020

Figura 7: imagem interna do Museu das Culturas Dom Bosco em Campo Grande/MS.



Fonte: Google Imagens<sup>7</sup>

O Parque das Nações Indígenas (PNI), localizado no entorno do Parque Estadual do Prosa, na Avenida Afonso Pena, n°. 7000, é administrado pelo Instituto de Meio Ambiente de Mato Grosso do Sul (IMASUL), entidade vinculada à Secretária de Estado de Meio Ambiente, Desenvolvimento Econômico, Produção e Agricultura Familiar (SEMAGRO).

Imagem 9: panorâmica do Parque das Nações Indígenas, Campo Grande/MS.



Fonte: Google Imagens<sup>8</sup>

<sup>7</sup> Disponível em: [32btvsoct6oo.jpg \(746x423\) \(gocache.net\)](#). Acessado em 15/11/2020

<sup>8</sup> Disponível em: <https://i2.wp.com/www.terereneews.com.br/wp-content/uploads/2020/02/a.jpg?fit=2000%2C1107&ssl=1>. Acessado em 15/11/2020

No site do Parque das Nações Indígenas, está descrito que dentro dele foi inaugurado em 2004 através de uma parceria entre a Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (SEMA) e a Empresa Energética de Mato Grosso do Sul (Enersul) uma escultura no interior do lago, sob uma ilha artificial formada no grande lago do PNI, em homenagem ao Cavaleiro Guaicuru, do escultor sul-mato-grossense Anor Mendes.

O Monumento “Cavaleiro Guaicuru”, como é conhecido, foi construído em armação de ferro e revestida com uma mistura de resina e pó de mármore, com acesso por uma ponte de madeira, o monumento de um índio guerreiro da etnia Guaicuru e seu cavalo possui 7 metros de altura e pesa cerca de 900 kg.

Figura 9: Monumento aos índios Guaicuru



Fonte: Google Imagens<sup>9</sup>

Ainda no Parque das Nações Indígenas temos o Obelisco em formato de uma zarabatana, localizado próximo à entrada Guarani, em homenagem às culturas indígenas do Estado de Mato Grosso do Sul. O autor do projeto é o arquiteto Roberto Montezuma. Segue abaixo a imagem do Monumento aos povos indígenas.

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://nossoms.com.br/wp-content/uploads/2017/11/parque-das-nacoes.jpg>.  
Acessado em: 14/11/2020

Figura 10: Obelisco no Parque das Nações Indígenas



Fonte: Google Imagens<sup>10</sup>

Como podemos observar nessas imagens é um grande espaço com concentração e capacidade para receber mais esculturas e monumentos. Esse obelisco também faz parte da iconografia indígena.

---

<sup>10</sup> Disponível em: [https://nossoms.com.br/wp-content/uploads/2017/11/monumento\\_do\\_indio.jpg](https://nossoms.com.br/wp-content/uploads/2017/11/monumento_do_indio.jpg).  
Acessado em: 20/11/2020

## 2. LINGUAGEM ARTÍSTICA ESCULTÓRICA CONTEMPORÂNEA

As esculturas em locais abertos permitem acesso a todos, podem sofrer interferência, têm durabilidade, melhora a autoestima da cidade, valoriza o meio urbano - esteticamente conscientiza a preservação da natureza - dão um significado especial, pode também ser um elemento de consolo em memória a uma tragédia em tempos de perdas irreparáveis, uma lembrança e homenagem àqueles que têm esperança de dias melhores, conforto e reparação em tempos de desamparo, lutos e traumas.

Segundo Aflalo\*<sup>11</sup>:

Cheia de significados e simbolismo, a escultura/monumento aos mortos no Vietnã (portanto, não uma homenagem aos heróis sobreviventes de uma guerra perdida) foi concebida por Maya Lin como longa e minimalista empena de granito negro coberto por nomes de combatentes mortos. A reação pública, entre outras, foi depositar lembranças pessoais ao pé da obra, como que para completá-la. E, após a reação indignada dos sobreviventes daquele conflito, ergueu-se um conjunto figurativo algumas centenas de metros adiante. Esse percurso pode ser feito em qualquer sentido, começando por qualquer um dos participantes. Vivemos momento plural, no qual a memória e o monumento cedem espaço à crítica e à auto expressão, permitindo que o artista lidere o processo, antecipando o local e o conteúdo e aferindo maior qualidade e visibilidade às obras de arte.

A arte continua sendo arte mesmo sem a recepção do público, mas é pública apenas pela questão do local e da acessibilidade, por conseguinte o Memorial dos Veteranos do Vietnã, localizado a milhares de quilômetros de distância do Vietnã; o Museu Memorial do Holocausto em Washington-DC e o Memorial aos Judeus Mortos da Europa, em Berlim, foram todos removidos intencionalmente do local das atrocidades às quais estão associados. Steven M. Davis, FAIA, sócio da Aedas (anteriormente Davis Brody Bond Aedas), o arquiteto do National September 11 - Memorial Museum no World Trade Center, em Nova York em uma entrevista com o editor-chefe do contrato, John Czarnecki, disse que a inspiração sobre o projeto do

---

<sup>11</sup> \***Marcelo Aflalo** é formado em arquitetura pela FAU/USP em 1978, com mestrado em artes gráficas pelo Instituto de Artes de Chicago, EUA, em 1985; dirige o escritório Univers desde 1987; é diretor da Associação de Designers Gráficos (ADG) e professor de identidade visual urbana na FAU/Faap, em São Paulo

museu estar localizado no local autêntico do evento o torna bastante diferente de muitos outros memoriais. Segundo Davis, esse fato foi crucial na idealização da construção.

Figura 11: Monumento aos mortos no acidente do World Trade Center em Nova York/USA



Fonte: Google imagens<sup>12</sup>

O Museu e Memorial Nacional do 11 de setembro localiza-se no mesmo lugar das torres do World Trade Center NY, outro exemplo de uma escultura simbólica que nos faz refletir sobre essa questão humanitária da nossa fragilidade em relação à perda. O espaço vazio, o buraco é tão poético e tão profundo, pois nos mostra sensibilidade e humanidade, amenizando o sofrimento da angústia dos que vivenciaram a tragédia, tanto pessoalmente quanto pelas reproduções das mídias. Essa simplicidade que serviu de referência ao projeto da proposta de uma escultura invertida, esculpida de forma negativa.

É encorajador contemplar um projeto pensado com um objetivo de valorizar as vítimas e os envolvidos no resgate, imortalizando seus nomes escritos no parapeito, como uma lembrança digna de admiração pela empatia, solidariedade à consternação dos parentes, dos que sobreviveram; esse respeito comovente e dedicação são compreendidos pela construção estratégica, cheia de detalhes mínimos como as questões das disposições das árvores, os dois espelhos d'água no formato das Torres

---

<sup>12</sup> Disponível em: [Dicas-Nova-York-Memorial-Onze-Setembro.jpg \(800x533\) \(stackpathcdn.com\)](https://stackpathcdn.com/Dicas-Nova-York-Memorial-Onze-Setembro.jpg). Acessado em 15/11/2020

Gêmeas, as cascatas artificiais que além de reduzir os ruídos da cidade também simboliza o vazio físico.

O Museu e Memorial Nacional do 11 de setembro é um marco, inclusive foi um projeto que inspirou a arte pública “Descension” do artista plástico Anish Kapoor, segundo a revista digital Artsjournal. A complexidade das reflexões abstraídas sobre as semelhanças da arte urbana “Descension”, uma das mais inovadoras obras da Kapoor - no Brooklyn Bridge Park, Pier, na América do Norte - e o Memorial World Trade Center ocorre, porque enquanto uma é um buraco cheio d’água, cujo movimento das águas ao subir e descer produz correntes circulares, mais a mistura de água aquecida com outra porção de água mais fria de temperatura amena formam o redemoinho, que mostra a aparência de um buraco e o vazio, a outra é um buraco que escorre água.

Figura 12: Descension – Amir Kapoor



Fonte: Google Imagens<sup>13</sup>

Segundo Nicholas Baume, diretor e curador-chefe do PAF- Public Art Fund, a comemoração 40 anos de arte pública para a cidade de Nova York ressalta a importância de reconhecer os artistas e exposições, afirmando que “Kapoor nos lembra da contingência das aparências: nossos sentidos inevitavelmente nos enganam”. 'Kapoor está mais interessado no que não sabemos do que no que fazemos, entendendo que o limite da percepção é também o limiar da imaginação humana. ' Discurso entusiasmado:

---

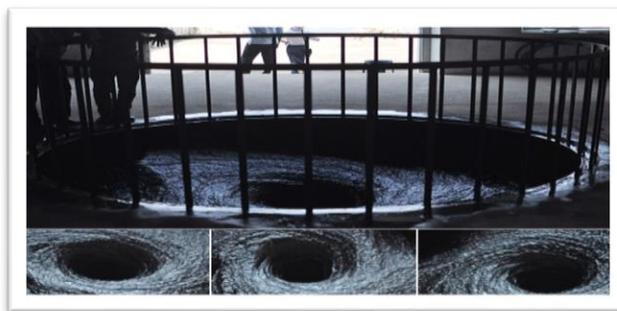
<sup>13</sup> Disponível em:  
[https://d2u3kfw92fzu7.cloudfront.net/catalog/artwork/gallery/1215/4S9A0259\\_EDIT2-1.jpg](https://d2u3kfw92fzu7.cloudfront.net/catalog/artwork/gallery/1215/4S9A0259_EDIT2-1.jpg). Acessado em: 20/11/2020

*Descension* - uma das novas obras mais inovadoras de Anish Kapoor - foi inaugurada no Brooklyn Bridge Park em 3 de maio como parte da temporada de 40 anos do New York City Public Art Fund. PAF, que tem trazido a arte para espaços públicos para nova-iorquinos desde 18/11/20201977 para quebrar as fronteiras tradicionais entre a arte e o público, classifica Kapoor 'entre os artistas mais inventivos e influentes de sua geração'. 'Ele criou trabalhos convincentes e poéticos usando uma variedade de materiais que incluem pigmento bruto, pedra, aço inoxidável, polímero sintético, resina e cera', disse o PAF em um comunicado. 'Ele também tem um interesse antigo no potencial escultural da água. ' E *Descension* 'representa um avanço com esta substância inerentemente desafiadora e escorregadia'. “O movimento giratório contínuo dessa massa líquida de 26 pés de diâmetro converge em um vórtice central”, diz PAF. A água é tratada com um corante preto totalmente natural, adicionando opacidade e uma profundidade impressionante e dando aos visitantes a chance de vivenciar a forma abstrata de Kapoor em vários níveis. ' Desde meados da década de 1990, Kapoor explorou a noção de vazio criando obras que parecem recuar na distância, desaparecer em paredes ou pisos, ou desestabilizar suposições sobre o mundo físico', diz PAF.' *Descension* realiza uma aspiração de longa data do artista de criar um espaço negativo vivo com energia, continuamente em processo.' (<https://www.rediff.com/getahead/report/new-yorkers-cant-get-enough-of-anish-kapoor/20170612.htm>)

“*Descension*” materializa uma aspiração de longa data do artista, criando um espaço negativo vivo com energia, continuamente em processo. Inicialmente concebido como um trabalho interior menor para a Kochi-Muziris Biennale (2014-15). “*Descension*” foi mais tarde reimaginado como uma peça em grande escala ao ar livre para a exposição individual de Kapoor em Versalhes (2015). Uma obra de arte nascida na Bienal de Kochi-Muziris da Índia, acerca de dois anos, agora cativou a imaginação dos nova-iorquinos.

Figura 13: *Descension* – Amir Kapoor

14



Fonte: Google Imagens

<sup>14</sup> Disponível em: <https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcRk3K-yHa8jNhiJ6Oa8NLDx1oDsR-egWhaZzQ&usqp=CAU>. Acessado em 17/11/2020

Há muito que o artista se interessava por obras públicas e produzia peças projetadas para locais específicos, o que, segundo Archer, significa que:

“O sentido da escultura, o local onde devia ser colocada e como deveria produzir seu efeito estavam inextricavelmente ligados. Remover essa obra, ainda que por alguns metros, resultaria não apenas numa redefinição do local, mas também na criação de uma escultura totalmente diferente” (ARCHER, 2001, p.195).

Por esta característica, a obra denominada de “site specific” (termo em inglês que pode ser traduzido como sítio específico ou arte-ambiente), ressalta que o local em que se encontra a obra tem um sentido para a mesma.

Segundo a curadora Rosalind Krauss, “land art” em que o artista cria suas obras a partir de intervenções na paisagem natural do “site-specific”, aborda a questão do deslocamento do espaço expositivo do museu para lugares isolados no meio da natureza, locais de difícil acesso; e a obra de arte se desvincula do seu caráter urbano. Essas obras estão sempre ligadas ao ambiente e, dadas as suas dimensões enormes e a sua localização, a única forma de se experimentar o trabalho é estando dentro dele, possuindo uma dimensão normalmente de tamanho gigantesco como característica. A imagem abaixo é da instalação de Robert Morris- 2014, localizada nos EUA, na cidade de Kansas, remete ao labirinto. (Labirinto de vidro).

Figura 14: Labirinto de Vidro – Robert Morris



Fonte: Google Imagens<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> Disponível em:

[https://images.adsttc.com/media/images/538f/d769/c07a/805c/ea00/02ed/large\\_jpg/PORTADA.jpg?1401935696](https://images.adsttc.com/media/images/538f/d769/c07a/805c/ea00/02ed/large_jpg/PORTADA.jpg?1401935696). Acessado em: 10/11/2020

Segundo Batchelor, o que interessa ao artista nesse caso é como dispô-los dentro de um espaço comum. Em suas declarações pode-se identificar claramente essa preocupação: “Até certo ponto eu estava cortando dentro das coisas. Percebi então que o que eu estava cortando era o corte. Mais do que cortar dentro do material, agora eu uso o material como o corte no espaço” (BATCHELOR, 1999, p.28).

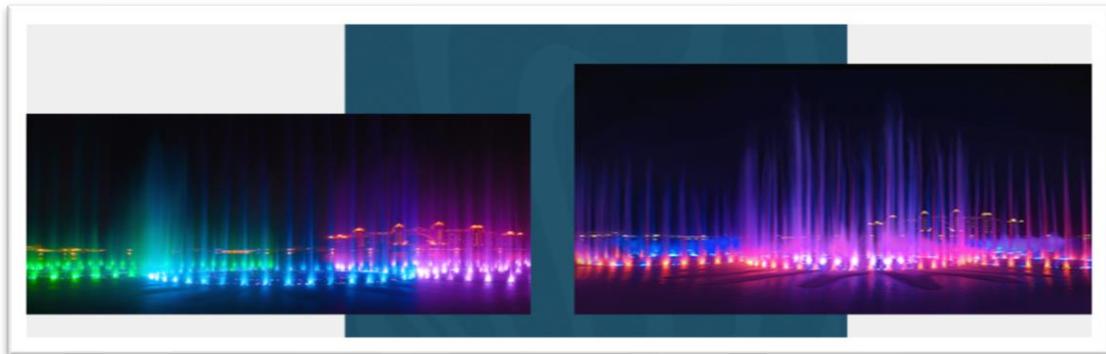
Segundo Causey, o artista “estava liberando o poder da escultura para estimular sensações e levá-la para além do Minimalismo, até as áreas que também foram à preocupação da Land Art” (CAUSEY, 1998, p.159).

Outra obra contemporânea muito criativa é “The Palm Fountain”, Dubai (Emirados Arabes Unidos). The Palm Fountain é a maior fonte do mundo, que se estende por toda a avenida de The Pointe em Palm Jumeirah.

As duas gigantescas plataformas flutuantes cobrem 14.000 metros quadrados de água do mar, torres a 105 metros de altura, iluminam o céu com mágicos 3.000 LEDs e dançam canções de todo o mundo, canções coreografadas, incluindo canções pop, culturais, comerciais internacionais e regionais.

Inaugurada em 22 de outubro de 2020, a fonte foi projetada e construída pela Beijing Water Design Technology Co., Ltd com a finalidade de entretenimento e uma alternativa de arena cênica, cativante ver shows espetaculares do pôr do sol à meia-noite, todos os dias, com a fonte multicolorida exibida on-line devido o isolamento social por causa da pandemia do Covid-19.

Figura 15: Digital musical water fountain with 3D laser performance



Fonte: Google Imagens<sup>16</sup>

Pontuando de forma específica a relação humana com a questão da arte de forma a superar as intercorrências vivenciadas o artista expressa à sua maneira, conteúdo e forma artisticamente. No próximo capítulo estarei apresentando uma proposta escultórica para o Parque Nações Indígenas em Campo Grande/MS inspirado em minhas emoções atuais balizadas pela sensação de vazio existencial.

---

<sup>16</sup> Disponível em: <https://is2.ecplaza.com/ecplaza2/products/a/af/afa/642851673/digital-musical-water.jpg>. Acessado em; 25/10/2020

### 3.PROPOSTA ARTÍSTICA DE ESCULTURA PARA O PARQUE DAS NAÇÕES INDÍGENAS

A minha proposta escultórica poderá ser realizada próxima ao lago maior do Parque das nações indígenas em Campo Grande, cujo espaço está localizado em um morro. Quero aproveitar o próprio declive para instalar a escultura. Podemos observar este lugar mencionado por meio das imagens a seguir.

Figura 16: Vista parcial do Parque Nações Indígenas – lago maior



Fonte: Google imagens<sup>17</sup>

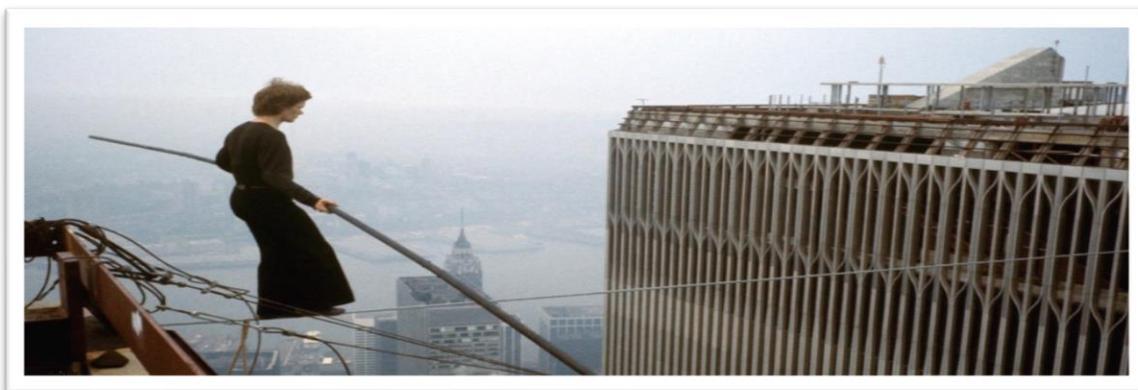
Como podemos observar nessa imagem o terreno há uma vasta área que congrega as águas do lago num declive geográfico e ao fundo um morro onde a minha proposta tem por interesse ser localizada. A própria geografia do local de forma côncava remente ao espaço vazio ou o espaço a ser preenchido pelas emoções particulares de cada um.

---

<sup>17</sup> Disponível em: <https://www.imasul.ms.gov.br/wp-content/uploads/2019/12/05.jpg>. Acessado em: 25/10/2020

Procurei na imagem do equilibrista em uma corda bamba e a letra da música, “O bêbado e o equilibrista” com composição de Joao Bosco De Freitas Mucci / Aldir Blanc Mendes e interpretação: Elis Regina, a fonte de inspiração. As duas linguagens artísticas visuais e sonoras movem esse meu desejo de representar o estado depressivo de uma forma artística que levem ao questionamento deste sentimento tão devastador que o ser humano através da história vem se debatendo para vencer.

Figura 17: Equilibrista atravessando na corda bamba



Fonte: Google imagens<sup>18</sup>

Essa imagem associada a letra da música “O bêbado e o equilibrista” encerram toda a minha angústia e luta contra a depressão.

Letra da música, O bêbado e o equilibrista, de João Bosco.

Caía a tarde feito um viaduto  
 E um bêbado trajando luto me lembrou Carlitos  
 A lua, tal qual a dona de um bordel  
 Pedia a cada estrela fria um brilho de aluguel

E nuvens lá no mata-borrão do céu  
 Chupavam manchas torturadas  
 Que sufoco  
 Louco  
 O bêbado com chapéu-coco  
 Fazia irreverências mil  
 Pra noite do Brasil  
 Meu Brasil

---

<sup>18</sup> Disponível em:

[https://presentepravoce.files.wordpress.com/2009/01/09060601\\_man\\_on\\_wire\\_011.jpg](https://presentepravoce.files.wordpress.com/2009/01/09060601_man_on_wire_011.jpg). Acessado em: 05/10/2020

Que sonha com a volta do irmão do Henfil  
Com tanta gente que partiu  
Num rabo de foguete  
Chora  
A nossa Pátria mãe gentil  
Choram Marias e Clarisses  
No solo do Brasil

Mas sei que uma...

A união visual com a musical, contextualizada como o hino da anistia, foi a sensibilidade poética que me motivou a elaborar a proposta. A imagem e a melodia transmite o sentimento do tentar se equilibrar, resistir e existir, uma mensagem de fé: que a vida só tem um sentido: pra frente.

O texto a seguir é uma abordagem não aprofundada sobre o artista e o sofrimento, fiz das minhas dores uma forma de expressão artística, portanto é relevante discorrer um pouco sobre o assunto.

### 3.1 O artista e suas dores emocionais

Os artistas passam por um processo de inspiração, sofrem, procuram o belo, e nessa busca, tentam aplacar a solidão por meio da expressão artística; por vezes incompreendidos tentam, através da arte, passar uma mensagem do sublime, do íntimo, do cotidiano e até questões sociais e políticas que nos levam a refletir.

Numa leitura sobre *Woundscapes*, proposta de um diálogo entre arte e arte que se insere nas novas perspectivas de trabalho de campo e apresentação dos resultados da pesquisa que surgiram depois da crise da representação nas ciências humanas e sociais das décadas de 1980 e 1990, no qual os artistas ligados à antropologia refletem diferentes itinerários e leituras possíveis da relação entre a experiência individual do sofrimento e a violência estrutural, foram para outros lugares, outras fronteiras, observaram lugares marginalizados, centros abandonados, diversos e perceberam esse ambiente, alguns fizeram registros fotográficos, outros transformaram o próprio ambiente com muralismo e pintura, e fazem apontamentos de coisas obscuras e pesadas. Os que se impactaram e sentiram o aspecto social através dessa vivência, fizeram um trabalho pessoal introspectivo. Como exemplo foi a performance de Ângela Alegria, na

qual o corpo sofreu interferência de várias palavras escritas, tanto dela quanto dos artistas. Descreveram o que sentiram indo a esses ambientes e a outros lugares.

Figura 18: O corpo como tela: Biocartografia



Fonte: Google imagens<sup>19</sup>

Artistas antropólogos saem do comodismo e observam as favelas, os centros marginalizados e vivenciam a pobreza, o descaso, o sofrimento e, através disso, descrevem na própria obra o que veem, sentem, e transmitem para a população também perceber e trazer a margem à vulnerabilidade social, permitindo interação do público com os conteúdos: o seu potencial, a instabilidade social e o sentimento de possibilidade encarnado no presente momento histórico, marcando territórios físicos e imaginários, entre pertencimento e exclusão, periferia e centro, situação de incerteza, de percorrerem diferentes trajetórias que revelam um espaço-tempo de exclusão e integração, de afastamento e participação, de denúncia e crítica, de abandono e liberdade.

Depois de *Writing Culture* (Clifford e Marcus, 1986) a escrita e a autoridade etnográfica, a identidade do antropólogo, o gênero, o corpo e a sua reflexividade, as políticas da interação e os campos de poderes, a sensorialidade e a sensualidade da relação com o terreno, começaram a ser o centro de debates, sendo que a reflexão ainda continua.

---

<sup>19</sup> Disponível em: <https://journals.openedition.org/cadernosaa/docannexe/image/521/img-1.jpg>.  
Acessado em: 15/11/2020

Os projetos tinham como objetivo comum examinar as causas sociais e as experiências individuais do sofrimento em diferentes contextos, focando em particular questões como: a natureza social e política da doença e do mal-estar; as interfaces entre os significados da pertença indenitária e social dos sujeitos e os saberes e as práticas da agenda institucional dirigida às políticas da cura e do acolhimento; as narrativas subjetivas da dor; as formas locais de agência, individual ou coletiva, para “lidar” com a experiência do sofrimento, de forma a tentar acompanhar os aspetos processuais da vida social.

### **3.2 Quadro da depressão no Brasil**

No Brasil, 5,8% da população sofre com a depressão. Ela afeta um total de 11,5 milhões de brasileiros. Ou seja, segundo os dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), o Brasil é o país com maior prevalência de depressão da América Latina e o segundo com maior prevalência nas Américas, ficando atrás somente dos Estados Unidos, que têm 5,9% de depressivos. Contextualizando no momento atual, durante a pandemia 40% dos brasileiros passaram ou passam por momentos depressão.

A depressão é uma das doenças que mais afasta pessoas do mercado de trabalho. Em 2016, 75,3 mil trabalhadores brasileiros foram afastados de suas atividades por causa da depressão, com direito a recebimento de auxílio-doença em casos episódicos ou recorrentes. Eles representaram 37,8% de todas as licenças em 2016 motivadas por transtornos mentais e comportamentais, que incluem não só a depressão, mas também o estresse, ansiedade, transtorno bipolar, esquizofrenia e transtornos mentais relacionados ao consumo de álcool e cocaína.

A depressão está entre os mais tratáveis dos transtornos mentais. Entre 80% e 90% das pessoas com depressão acabam reagindo bem ao tratamento. Quase todos os pacientes ganham algum alívio de seus sintomas. Quando o luto e a depressão coexistem, o luto é mais grave e dura mais do que o luto sem depressão. Apesar de alguma sobreposição entre tristeza e depressão, elas são diferentes. A distinção entre elas pode ajudar as pessoas a obter ajuda apoio ou tratamento de que precisam.

Antes de um diagnóstico ou tratamento, um psicólogo ou médico psiquiatra deve realizar uma avaliação diagnóstica completa, incluindo uma entrevista e, possivelmente, um exame físico. “O exercício parece ser um antidepressivo por si só e pode agir como

um antídoto para o estresse”, diz Gerard Sanacora (2013), MD, PhD, professor de psiquiatria da Universidade de Yale.

Uma análise de 2009 descobriu que o exercício físico ameniza a depressão, bem como a terapia cognitivo-comportamental (TCC), terapia psicanalítica ou antidepressiva. Uma combinação de resistência e aeróbica parece melhor do que o exercício aeróbico sozinho. Exercícios com foco meditativo, tai chi e yoga, também ajudam.

Segundo Bauman (2013), a passagem da modernidade “sólida” para a “líquida” criou um ambiente novo e sem precedentes para as atividades de vida individual, confrontando os indivíduos com uma série de desafios nunca antes encontrados. As formas e instituições sociais não têm mais tempo suficientes para se solidificar e não podem servir de quadro de referência para as ações humanas e planas de vida de longo prazo, então os indivíduos têm que encontrar outras formas de organizar suas vidas. Eles precisam juntar uma série interminável de projetos de curto prazo e episódios que não somam o tipo de sequência à qual conceito como 'carreira' e 'progresso' poderiam ser significativamente aplicados.

Essas vidas fragmentadas exigem que os indivíduos sejam flexíveis e adaptáveis - estejam constantemente prontos e dispostos a mudar de tática em curto prazo, abandonar compromissos e lealdades sem arrependimento e buscar oportunidades de acordo com sua disponibilidade atual. Na modernidade líquida, o indivíduo deve agir, planejar ações e calcular os ganhos e perdas prováveis de agir ou deixar de agir sob condições de incerteza endêmica.

A partir do momento que expomos nossa dor como tema, retirando o estigma sobre a depressão, pois assim com qualquer órgão humano adoece o cérebro também, e precisa ser tratado, e uma das formas de superação é a arte.

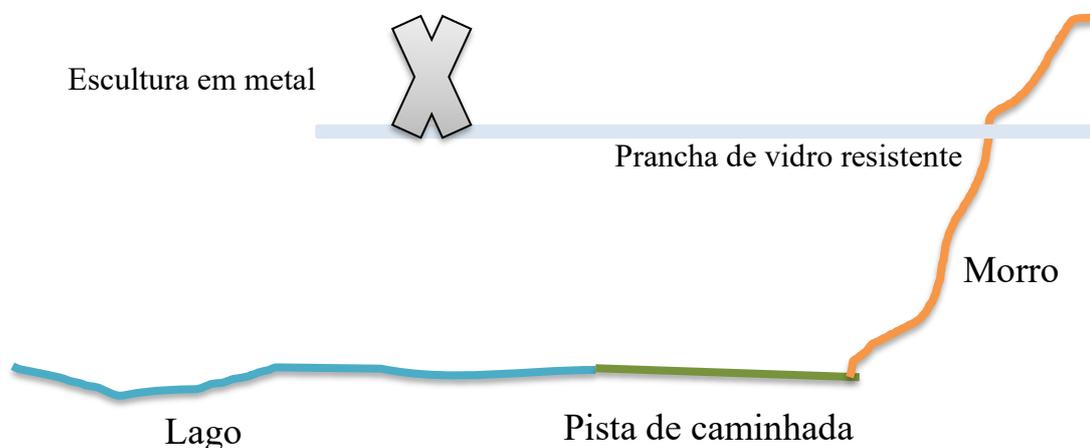
#### 4. PROPOSTA DE PROJETO PARA A CRIAÇÃO DE UMA ESCULTURA EM ESPAÇO PÚBLICO NO PARQUE DAS NAÇÕES INDÍGENAS EM CAMPO GRANDE/MS

Nessa proposta de interferência artística na paisagem do Parque das Nações Indígenas em Campo Grande/MS, aproveito o próprio local o morro que tem uma depressão e lago para expressar o vazio, na qual a escultura irá se projetar procurando transmitir a sensação do medo de estar caminhando por um fio.

Essa sensação de estar sempre por um fio é o que sinto, preciso estar sempre atenta, buscar socorro, apoio terapêutico, amigos, familiares, tudo que possa dar um suporte para encontrar a alegria de viver.

O esboço abaixo foi elaborado a partir da imagem da mulher no fio, do trecho musical e da imagem do parque.

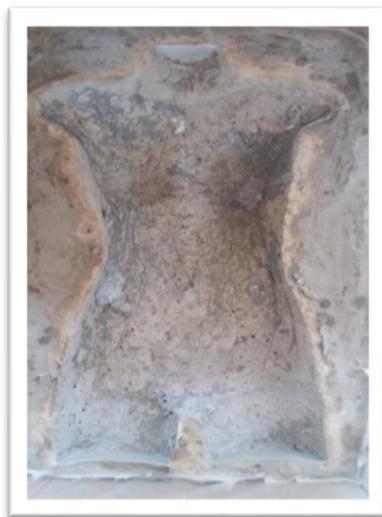
#### Corte transversal da região do lago do Parque das Nações Indígenas



#### Esboço paisagem do Parque das Nações Indígenas

Especificando: a proposta da obra escultórica não é em alto relevo, mas em não relevo, ou melhor, relevo invertido; esculpida de forma negativa, escavada com um corte profundo da superfície - buraco, e sua execução será uma intervenção urbana.

Figura 19: Escultura invertida



Fonte: da própria autora

A forma de fazer cada pedaço escavado, modelado e retirado do concreto, foi simbolicamente um pedaço que me libertou das angústias, de meu cérebro já cansado e esgotado, tenho trabalhado tanto, busquei concretizar meu sonho de fazer a talha direta. Esculpida negativamente, fazendo uma Escultura Invertida com a forma de meu torso e mostrar meu vazio existencial, o qual foi preenchido pelo sonho de construir essa escultura, foi a finalidade de mostrar as pessoas para que essas se identificassem com a obra ou refletissem que nosso vazio pode ser preenchido.

A Intervenção Urbana é o termo utilizado para designar os movimentos artísticos relacionados às intervenções visuais realizadas em espaços públicos. A Intervenção lança no espaço público questões que provocam discussões em toda a população. De uma maneira ou de outra, ela faz com que as pessoas parem sua rotina por alguns minutos, seja para questionar, criticar ou simplesmente contemplar a arte. (IMBROISI, 2016, p. s/n)

O proposta escultórica ser inserida num espaço público parte dessa premissa, do observar o vazio físico e pensar, refletir, acalmar o coração pro cenário atual o isolamento social por conta do covid-19.

A escultura invertida foi feita com suor e lágrimas e finalmente um respiro, uma libertação porque meu sonho trouxe saúde para a emoção, equipando a fragilidade do meu ser como autora de minha história e deu animo que precisava para sair da minha condição depressiva, entretanto, no meu caso, o uso de medicações indicadas pela

especialista, a psiquiatra são importantes no tratamento. Segundo a opinião de Da Vinci, sobre a escultura:

A escultura não é ciência, senão arte muito mecânica, porque por ela seu artífice transpira e fica fatigado, bastando para tanto conhecer as simples medidas dos membros da natureza, do movimento e do repouso. Só isso basta para seu trabalho, que é mostrar ao olho o seu objeto tal como é, do que em nada se admira o contemplador. O mesmo não ocorre com a pintura que em uma superfície plana pode mostrar, a força a sua ciência, grandíssima campinas com horizontes distantes. (CARREIRA, 2000, p.75)

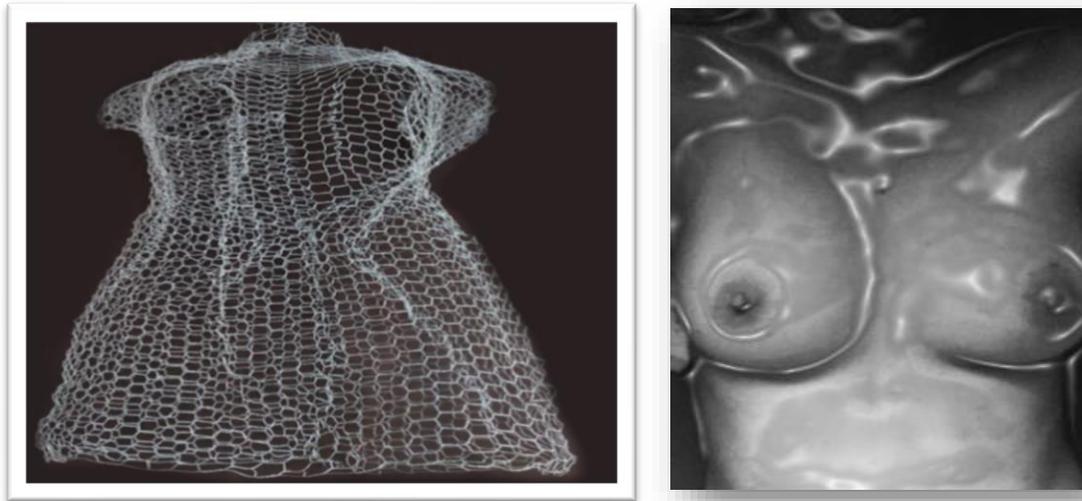
Divergindo de Da Vinci que coloca a escultura como um objeto, impossibilitando o caráter revolucionário na arte, a proposta escultórica que será inserida num local aberto e acessível, baseia-se numa escultura que sai dessa classificação tradicional e quebra limites como num campo estendido e mostra um não objeto ou espaço negativo.

O fato de ter a escultura se tornado uma espécie de ausência ontológica, a combinação de exclusões, a soma do nem/nenhum, não significa que os termos que a construíram — não-paisagem e não-arquitetura — deixassem de possuir certo interesse. Isto ocorre em função de esses termos expressarem uma oposição rigorosa entre o construído e o não construído, o cultural e o natural, entre os quais a produção escultórica parecia estar suspensa. (KRAUSS, 1984)

Krauss, em a Escultura no campo ampliado, nos permite entender que a arte é uma expressão sem censura e livre. Fazer algo que rompa barreiras quebrando com a valorização do objeto transformando-o em não objeto e/ou desfiguração da forma. Baseada na ruptura da regra, a escultura proposta subverte a escultura tradicional, pois se direciona para o espaço negativo.

A primeira etapa do trabalho foi autofotografia modificada artisticamente, para medir: ombro, busto, cintura, quadril, altura para escavação com talha direta e modelar a massa de concreto.

Figuras 20 e 21: Processo de desenvolvimento da escultura



Fonte: da autora

O molde direto, formando uma escultura positiva, foi produzida a partir de uma estrutura de arame (Figura 31). Pude dar início à modelagem e à escavação. A estrutura construída proporcionou a noção espacial que precisava, porque consegui fazer a experimentação da escultura escavada, ou melhor dizendo, **invertida** pois ela parte do princípio do adentrar e subtrair para dar uma forma negativa e não preenchida.

Figura 22: Processo de modelagem da escultura



Fonte: da autora

O material utilizado nessa fase da produção da escultura foi o cimento. A partir do momento em que a obra artística é finalizada, seu pertencimento é a exposição do interior para o exterior, ela passa por uma análise introspectiva transferindo a quem observa uma sensação do que o artista expos, talvez um conteúdo que vai além das impressões sensíveis ou sentidos. A estruturação do projeto tem diversas partes: contém não apenas a ideia da obra, mas outros dados que se referem ao projeto, como o objetivo do artista.

## CONCLUSÃO

Com a pretensão de expressar a partir da minha própria experiência pessoal alguns aspectos de significação da dor, que se revelam táticas de legitimação, de resistência elaborei uma proposta escultórica em espaço público em Campo Grande - MS, minha cidade, que precisa de esculturas/monumentos, percebi que o Parque das Nações Indígenas seria o local ideal para a interferência por ter áreas verdes e morros, declives, ou melhor, depressões para representar a depressão. O buraco e vazio físico que contribuem para expressar o vazio existencial.

Concluindo fiz um recorte teórico-prático de obras escultóricas contemporâneas, com outras formas de utilizar as técnicas artísticas, é comum que a escultura monolítica seja a representação de algo, o que traz o foco de atenção do observador para as relações entre as partes da composição (suas dimensões, proporções e etc).

Escultura de Construção tem a predominância de formas vazadas e transparentes, formando espaços vazios dentro da escultura ou proporcionando múltiplas visões da obra desde um único ponto de vista.

Escultura Contextual corresponde à fase de desdobramento da escultura moderna comentada por Tassinari (TASSINARI, 2001, p.10), onde realmente ocorre a completa ruptura do contorno da escultura, fazendo com que os arredores da obra de arte sejam incorporados por esta.

Os artistas atuais podem ser importantes para compreender melhor e facilitar o desenvolvimento e contribuições esperadas para a proposta da Escultura Invertida nomeada assim por mim porque é escavada com um corte profundo da superfície (buraco). Ela se encaixa em todas as nomenclaturas escultóricas supracitadas que fomentam para uma nova perspectiva contemporânea que permitem um aprofundamento emocional [...] uma escultura que tomaria materiais brutos e objetos prontos e os combinaria no espaço real sem intenção alguma de representação. Os materiais, cada um com suas qualidades plásticas próprias, as qualidades específicas da madeira, do ferro, do vidro etc., comporiam uma obra de arte, materiais reais no espaço real. (READ, 2003, p. 88) permitindo que o artista lidere o processo, antecipando o local e o conteúdo e aferindo maior qualidade e visibilidade às obras de arte.

"A arte é a contemplação: é o prazer do espírito que penetra a natureza e descobre que ela também tem uma alma. É a missão mais sublime

do homem, pois é o exercício do pensamento que busca compreender o universo, e fazer com que os outros o compreendam. " (Auguste Rodin)

As evidências e os aspectos mais importantes identificados com a pesquisa sobre o tema, a depressão enquanto um estado psíquico de vazio e desconexão com o mundo real, procurei em pesquisas de artistas/escultores pelo mundo que trabalham em espaços públicos com a noção de “vazio”.

Davis, o arquiteto do Museu e Memorial Nacional do 11 fez o projeto estar localizado no local autêntico do evento no mesmo lugar das torres do World Trade Center NY o tornando um diferencial e Daniel Libeskind, o design do Museu e Memorial Nacional do 11 planejou o memorial à 30 metros abaixo do nível da rua (buraco), parapeito com nomes escritos das vítimas e os envolvidos no resgate; e as cascatas que trabalha com a questão do o vazio.

Ainda abordando a questão do buraco respeitando a memória e figura do apego diante dos efeitos traumáticos e o processo de cura, O Fundo de Arte Pública da Cidade de Nova York instalará o “Descension” do artista plástico Anish Kapoor, - um funil de água preta que desce em espiral até o solo - no Brooklyn Bridge Park “O movimento giratório contínuo dessa massa líquida de 26 pés de diâmetro converge em um vórtice central”, diz PAF. A água é tratada com um corante preto totalmente natural, adicionando opacidade e uma profundidade impressionante e dando aos visitantes a chance de vivenciar a forma abstrata de Kapoor em vários níveis. Com cerca de oito metros de diâmetro, a piscina giratória é cercada por um corrimão, convidando o público a olhar em suas profundezas a instalação apresenta um espiral contínuo de água.

A Escultura Invertida foi um projeto idealizado em expor de forma física o buraco da alma, esculpi negativamente, fiz uma incisão pra dentro da superfície do concreto desenhando meu torso como representação enquanto artista feminina e a revolução em mim através da arte. Nas palavras de Gombrich:

Casualmente, o termo “transferência” que os psicanalistas usam para designar esse processo significa o mesmo que a palavra grega *metapherein*. [...] mesmo um processo artístico aparentemente racional, como apresentação visual, pode ter suas raízes na “transferência” de atitudes, de objeto de desejo para substitutos adequados. O cavalinho de pau é o equivalente do cavalo “real” porque ele pode (metaforicamente) ser cavalgando. (GOMBRICH, 1999,14)

Percebemos aqui que tanto o real quanto o que o representa, por meio da associação feita a esse objeto, é válido para sua identificação. Pela perspectiva antropológica, este trabalho foi feito apresentando uma análise das questões políticas e econômicas que definem a experiência entre artistas antropólogos com o conceito de sofrimento.

*Woundscapes* (proposta de um diálogo entre arte e arte que se insere nas novas perspectivas de trabalho de campo e apresentação dos resultados da pesquisa que surgiram depois da crise da representação nas ciências humanas e sociais das décadas de 1980 e 1990) no qual os artistas ligados à antropologia refletem diferentes itinerários e leituras possíveis da relação entre a experiência individual do sofrimento e a violência estrutural foram para outros lugares, outras fronteiras, observaram lugares marginalizados, centros abandonados, diversos e perceberam esse ambiente, alguns fizeram registros fotográficos, outros transformaram o próprio ambiente com muralismo e pintura e fazem apontamentos de coisas obscuras e pesadas.

A tese central de Bauman (2013) de que as consequências da globalização têm prejudicado seriamente as tentativas de justiça internacional. O objetivo da globalização - erradicar quaisquer barreiras comerciais e, portanto, criar "mercados sem fronteiras" - resulta na transição de um mundo onde as pessoas estão sujeitas às leis e proteções de seus países de origem para um em que o medo radical e a falta de segurança estão reificada e reina o "enfraquecimento dos laços humanos e o enfraquecimento da solidariedade". Essa falta de segurança resulta em medo e uma falta de controle percebida, que, por sua vez, perpetua e sustenta a mudança conspícua em direção à segurança nacional que temos experimentado nas democracias liberais avançadas.

Indicando aqui não só a dimensão da doença, mas o mais amplo âmbito de mal-estar que junta os aspectos individuais com os processos históricos, econômicos e políticos, com particular atenção à progressiva institucionalização das intervenções a seu favor. Fiz da minha dor um objeto artístico e uma proposta para ser utilizada em um espaço público. Infelizmente devido ao contexto vivenciado do isolamento social e minha saúde frágil, a possibilidade prática será realizada para outro momento, o qual possa discutir diretamente sobre questões pontuais como alvará, financiamento ou patrocínio.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCHER, Michael. **Arte Contemporânea: Uma história concisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ARGAN, Carlo Giulio. **Arte e Crítica da arte**. Tradução: Helena Gubernatis, 1 ed.: Editorial Estampa, 1988.

\_\_\_\_\_. Giulio Carlo. **Arte Moderna**. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.

BATCHELOR, David. **Minimalismo**. São Paulo: Cosac & Naify, 1999.

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução de Plínio Dentzein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CARREIRA, Eduardo (organização, tradução e comentários). **Os escritos de Leonardo da Vinci sobre a pintura**. Brasília: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

FRANCO, COSTA e LEÃO, **Depressão: Mal do Século ou Demanda do Século?** 2014, s/n. Disponível em: [http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2014\\_EnEO170.pdf](http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2014_EnEO170.pdf).

GOMBRICH, Ernest Hans Joseph. **A história da arte**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1993.

IMBROISI, Margaret. **Intervenção artística urbana**. 2016. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/intervencao-artistica-urbana/>

KRAUSS, Rosalind E. **Caminhos da escultura moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. Rosalind. **A escultura no campo ampliado**: reedição da revista do Curso de Especialização em História da Arte e Arquitetura no Brasil, da PUC-Rio, em 1984 (87-93).

\_\_\_\_\_. **La originalidad de la Vanguardia y otros mitos modernos**.

Alianza Editorial: Madrid, 2006. LEICHT, Hermann. **História universal da arte**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1967.

**Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais 5.<sup>a</sup> edição (2013)**  
Disponível em: <http://www.niip.com.br/wp-content/uploads/2018/06/Manual-Diagnostico-e-Estatistico-de-Transtornos-Mentais-DSM-5-1-pdf.pdf>

NIETZSCHE, Friedrich, **Além do Bem e do Mal** - Tradução: Márcio Pugliesi da Universidade de São Paulo; Hemus livraria, distribuidora e editora s.a. 2001; Disponível em: [www.hemus.com.br](http://www.hemus.com.br); pdf

READ, Herbert. **Escultura Moderna: Uma história concisa**. São Paulo: MartinsFontes, 2003.

RICH, Jack C. **The materials and methods of sculpture**. Nova York: Oxford University Press, 1967.

TASSINARI, Alberto. **O espaço Moderno**. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.